

PAINEL DE ECONOMIA E TENDÊNCIAS EMPRESARIAIS

PAINEL DE ECONOMIA E TENDÊNCIAS EMPRESARIAIS

NOVEMBRO

1ª Quinzena

04
OPINIÃO
Os desafios do novo presidente.

09
MERCADO DE TRABALHO
PNAD/M aponta taxa de desemprego de 11,90%.

06
PIB E CONFIANÇA
Sinais, fortes sinais!!!

11
CENÁRIO INTERNACIONAL
Desafios internacionais do novo governo.

08
BALANÇA COMERCIAL

12
TECNOLOGIA
Onze Ministros e uma urna eletrônica.

Estimativas para Encerramento do Ano - Brasil	2018	2019
PIB (% do crescimento)	1,36	2,50
Produção Industrial (% do crescimento)	2,71	3,14
Inflação - IPCA (%)	4,43	4,22
SELIC	6,50	8,00
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	54,00	56,80
Taxa de Câmbio - fim do período (R\$/US\$)	3,71	3,80
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	56,60	48,20
Investimento Direto no País (US\$ Bilhões)	67,00	70,00

Fonte: Boletim Focus-Bacen



AGENDA DA SEMANA

05/11

Boletim Focus – Semanal (Bacen)
IPC-FIPE – Out-2018 (FIPE)

06/11

Ata do Copom

07/11

IGP-DI – Out-2018 – (FGV)
IPCA – Out-2018 – (IBGE)
Fluxo Cambial – Semanal (Bacen)

Os desafios do novo presidente.

Turma CFO Strategic ISAE*



Fonte da imagem: <https://abrilveja.files.wordpress.com/2018/10/brasil-eleicoes-bolsonaro-20181028-008.jpg?quality=70&strip=info&resize=680,453>

As denúncias que vincularam o presidente Temer ao recebimento de propina em 2017 refletiram na ineficiência do governo para a aprovação das reformas estruturais necessárias para solucionar os problemas das contas públicas. Paralelo a esse fato, fatores externos, principalmente a guerra comercial entre EUA e China, a inflação nos EUA, e a grande desvalorização das moedas de países como Argentina e Turquia, agravaram a situação do ambiente econômico brasileiro. Não bastasse esse cenário internacional de nuvens carregadas, em maio de 2018 a greve de caminhoneiros parou o país, enfraquecendo ainda mais o poder de negociação do executivo junto ao Con-

gresso. Além disso, a greve impactou negativamente o Risco Brasil porque o advento da tabela de fretes e o subsídio do diesel foram percebidos como medida populista pela ótica internacional.

Com isso, a economia brasileira passou mais um ano sem reação consistente, dada a incerteza observada tanto pelos indicadores de confiança dos consumidores quanto dos empresários. Apesar de os indicadores de emprego melhoraram quantitativamente, a renda das famílias não apresentou crescimento e o empresariado parece seguir em compasso de espera para retomar a coragem de realizar investimentos. Nesse contexto, a previsão de crescimento do PIB em 2,5%, sinali-



zada no início deste ano, deve mesmo ficar abaixo da casa do 1,4%.

Ao que tudo indica, Jair Bolsonaro terá uma missão árdua pela frente. Governar um Brasil em crise institucional, jurídica e política, com uma crise de credibilidade (mesmo com os avanços da Lava-jato), risco país deteriorado, moeda enfraquecida, poder de consumo da população exaurido, desemprego nos níveis mais elevados da história, quinto ano consecutivo de deficit fiscal, que deve fechar o ano em R\$ 149 bi, crédito reduzido, bancos enchendo a burra de ganhar dinheiro. Em suma, um país no caos.

Um dos maiores desafios do novo presidente se dará no campo da união de adversários, ponderados seus antagonismos ideológicos ou de interesses. Unir o Brasil respeitando a democracia e direitos individuais, com equidade nas decisões, deverá caminhar conjuntamente com a missão de acertar, redirecionar, modificar e aprender com os erros dos antigos governos.

O fato é que muito se fala em redução da confiança, risco país, educação, saúde, segurança, reforma da previdência, reforma fiscal, reforma política, acirramento de medidas contra corrupção, reformas, reformas e reformas... todavia sabemos que nem todas serão implementadas no curto prazo.

Não obstante, a primeira fase da eleição, estabelecida com 50% de renovação na Câmara e 85% no Senado, demonstrou que o país está mudando seu modo de pensar. Essa nova face do parlamento gera uma expectativa de melhorias e aprovações das novas medidas, com reformas mais rápidas e menos traumáticas, menos interferências políticas (trocas de favores/ suborno, propina). Governar para o Brasil e não para benefício próprio ou de pequenos grupos, no famigerado capitalismo de compadrio, será determinante para que os novos rumos sejam auspiciosos.

Bolsonaro precisará ter valores sólidos: honestida-

de, capacidade de liderança e persuasão, coragem. Isso porque será tarefa de extrema complexidade a negociação das reformas necessárias com o novo parlamento. Diante do cenário de oposição e divisão da sociedade, para apaziguar o clima de guerra o novo líder deverá "levantar a bandeira branca" e unir as pessoas em torno de um propósito comum. Não se obtém bons resultados em um ambiente dividido, em que as tribos não se toleram. O vencedor deverá ter a grandeza de não apresentar a atitude de "ganhador versus perdedor".

Após o arrefecimento do ambiente de animosidades e de críticas exacerbadas dos dois polos, o novo presidente deverá se concentrar na elaboração de metas de longo prazo, na reconstrução das equipes apoiadoras, personificando o propósito e projetando a visão e os valores, orientando e apoiando os novos líderes para que estes possam exercer suas novas funções.

Oportunidade: dada a crise atual, com uma saída da recessão iniciada em 2014 em ritmo de retomada mais lento já verificado história do Brasil, qualquer alteração no status já é uma melhora considerável em relação a onde estamos. Temos que olhar para trás e aprender com os erros sem perder de vista o que está por vir. Somos uma nação combatida, mas com a resiliência necessária para começar a traçar uma nova história.

A esperança é que venha a emergir uma nação mais justa, equilibrada e ao mesmo tempo competitiva, sem esquecer as conquistas obtidas nos últimos 30 anos, tais como: estabilização econômica, consolidação das políticas sociais, manutenção e fortalecimento da democracia, empoderamento das instituições de controle no combate à corrupção. Para isso, será preciso união.

** Texto produzido pela Turma do CFO Estratégic 2018, do ISAE, na disciplina de Liderança, Gestão do Conhecimento e Pessoas.*



PIB e Confiança

Sinais, fortes sinais!!!

Christian Frederico da Cunha Bundt*

Como diria um dos (tradicionais) candidatos à eleição para Presidência da República brasileira, muitos são os sinais, fortes sinais!

Passado o estresse do pleito, de fato, agora existem sinais que podemos interpretar - ou tentar - com indicações para onde vai nosso país e nossa economia (que é o que nos interessa aqui no Comitê de Economia e Tendências Empresariais do ISAE).

Jair Messias Bolsonaro, capitão reformado do exército brasileiro, de 63 anos, será o 38º presidente do Brasil e o 8º desde a redemocratização. Dos quase 147 milhões de brasileiros aptos a votar, pouco menos de 58 milhões votaram em Bolsonaro (PSL) e 47 milhões em Fernando Haddad (PT). Já cerca de 31 milhões de brasileiros deixaram de votar (abstenção) e quase 11 milhões votaram em branco ou anularam seu voto. Impossível, para os apreciadores dos cálculos, não observar quase dos potenciais votantes sem votar. Isto permitiu que pouco mais de escolhesse pelos demais.

Bolsonaro já havia anunciado que seu guru para economia é Paulo Guedes. Com grandes possibilidades de se tornar Ministro da Fazenda do Brasil, é preciso que olhemos com atenção e detalhadamente as palavras do Doutor em Economia, pela Universidade de Chicago, mestre em Economia pela Fundação Getúlio Vargas e pela Universidade de Chicago, e Bacharel em Economia pela Universidade de Minas Gerais. Importante examinar sua formação para tentar entender e prever a linha de pensamento do futuro ministro, cujas ações devem impactar na vida de muitos brasileiros. Suas principais experiências profissionais estão no ensino superior, na criação e operação de diversas empresas do mercado de capitais e na participação em conselhos de administração de diversas empresas.

Pela sua formação e experiência, é possível afirmar que Paulo Guedes vai seguir a linha do liberalismo econômico, que prega a livre concorrência e pouca interferência dos governos na economia, mantendo o fornecimento de alguns bens à população. Desse pensamento, pode-se examinar os diversos textos escritos por Guedes, ao longo de décadas, e publicados em conceituados jornais e revistas nacionais para tentar antever o que ele deve propor. Além disso, suas entrevistas aos meios de comunicação também são bastante reveladoras.

Na análise desses materiais é possível depreender que a agenda econômica não mudará em essência e já é bastante conhecida:

1) Previdência: a reforma mais esperada dos últimos tempos é a primeira da lista e, segundo Guedes, a mais importante de todas, pois é a maior despesa do governo atualmente. É das medidas a mais impopular, ainda mais se a transição de regime não for suave e o mecanismo de acumulação prevaleça dentre as propostas.

2) Dívida pública e pagamento de juros: aqui o economista aponta o tamanho das reservas frente a dívida em dólar (situação até confortável) e frente o patrimônio do Estado; resumidamente, um estado com



patrimônio não deveria gastar tanto em juros (daqui se tira a conclusão de que as privatizações seguirão).

3) Máquina pública: não é novidade que há muita gordura para queimar em todos os três poderes, tanto em privilégios quanto em contingente. Sem contar que esta é certamente uma medida popular.

4) Segurança jurídica para atrair investimentos: para o futuro ministro, os investimentos não vêm em função da imprevisibilidade jurídica.

5) Reforma tributária: foram apresentadas, sem qualquer confirmação, várias mudanças possíveis, com destaque para a alíquota única de imposto de renda de pessoas físicas (20%) e isenção de quem ganha até cinco salários mínimos; para as pessoas jurídicas, redução de 34% para 15% no imposto das empresas e tributação de 20% sobre os dividendos.

Todos os pontos são saudáveis do ponto de vista da economia liberal. Mas o mais gritante na discussão é a capacidade política do novo presidente, que tem bradado que não negocia cargos por apoio político. Este é o jeito que predomina na política brasileira, com o seu presidencialismo de coalizção. Observando o comportamento do candidato, do término da eleição até depois da sua vitória, é possível afirmar que o tom mais moderado predominou nas manifestações de Bolsonaro. Será que é um indicativo de mudança em direção ao centro? Não tão fortes, mas são sinais!

Do AGRO, que alavancou o PIB em 2017, vem a informação de que o país pode alcançar mais um recorde na safra 18/19. A previsão é colher 238,5 milhões de toneladas em 18/19, frente às quase 228 milhões de 17/18, conforme a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). A previsão é que a soja seja maior lavoura, com cerca de 118 milhões de toneladas, seguida das 91 milhões de toneladas de milho. No Paraná, a produção agrícola em 18/19 deve aumentar na mesma proporção que a nacional (em torno de 4%), chegando a pouco mais de 23 milhões de toneladas, segundo o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento. O cenário paranaense e brasileiro é bom, mas pode ser prejudicado se o real se valorizar demais frente ao dólar (abaixo de R\$3,50).

Do lado do consumo, o pagamento do 13o salário deve injetar por volta de R\$200 bilhões na economia nacional e, destes, quase R\$13 bilhões ficarão no Paraná, segundo o Dieese. Em contraponto, o Serviço de Proteção ao Crédito (SCPC) e a Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas apontaram que 62 milhões de brasileiros estavam com as contas atrasadas em setembro/18, destacando o aumento de 10% na inadimplência entre os mais idosos (entre 65 e 84 anos) em relação ao mesmo período de 2017. Também apontam as regiões norte e nordeste com o maior percentual de inadimplentes em relação à população. Está aí o 13o como oportunidade para acertar as contas em atraso.

Da produção, em setembro e outubro/18, oficializaram-se algumas opiniões sobre o comportamento do PIB brasileiro em 2018. O Banco Mundial reduziu sua perspectiva de crescimento de 2,4% para 1,2%. A Confederação Nacional da Indústria também reduziu sua expectativa de 1,6% para 1,3%. No final de julho/18, o Banco Central do Brasil já havia anunciado a redução na sua estimativa de 2,6% para 1,6%. E os motivos das reduções: recorrentes e 'intratáveis' déficits fiscais e falta da reforma da previdência. Novidades? Não, tanto que esses assuntos estão encabeçando a pauta do futuro ministro da economia brasileira. Apesar das reduções de expectativas, os indicadores do PIB no 2T18 vem apresentando pequeno crescimento em relação ao mesmo período do ano passado e a quase todos os grupos de primeiro trimestre deste ano de 2018.



Com o PIB positivo (ainda que pequeno), a inflação controlada, o dólar 'na rédea', reservas cambiais altas e taxa de juros estável, a pauta do novo ministro parece ajustada frente à situação brasileira. Resta saber da capacidade de aprovação das reformas! Mas isso só em 2019, até lá rezemos esperançosos no nosso Brasil!

E atenção aos sinais, fortes sinais que virão da transição. Eles nos darão o tom do que virá em 2019.

**Christian Frederico da Cunha Bundt é Administrador, Mestre em Administração, professor formador II da Universidade Estadual de Ponta Grossa, membro do Conselho Deliberativo da Associação Empresarial de São José dos Pinhais e do Comitê de Crédito da Sociedade Garantidora de Crédito Garantisul.*

Balança Comercial Brasileira

Jean Toniote*

De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) a balança comercial brasileira obteve neste mês de setembro de 2018 um superávit de US\$ 4,9 bilhões: as exportações representaram US\$ 19,0 bilhões, enquanto que as importações US\$ 14,1 bilhões.

Podemos destacar como principais variações nas exportações neste mês os seguintes grupos: elevação das vendas no grupo dos básicos e semimanufaturados e redução dos manufaturados. Nos básicos, podemos destacar o petróleo (102,8%), já nos semimanufaturados o óleo de soja bruto (644,9%), e no grupo dos manufaturados a redução de açúcar refinado (-51,1%), veículos de carga (-35,2%), automóveis de passageiros (-29,7%) foram os destaques.

O comportamento da balança comercial brasileira no acumulado do ano de janeiro a setembro de 2018 versus 2017 apresenta aumento das importações em 22%, enquanto que as exportações aumentaram em menor proporção, apenas 9%. Neste período o superávit acumulado é de US\$ 44,3 bilhões (US\$ 9 bilhões a menos que 2017 para o mesmo período).

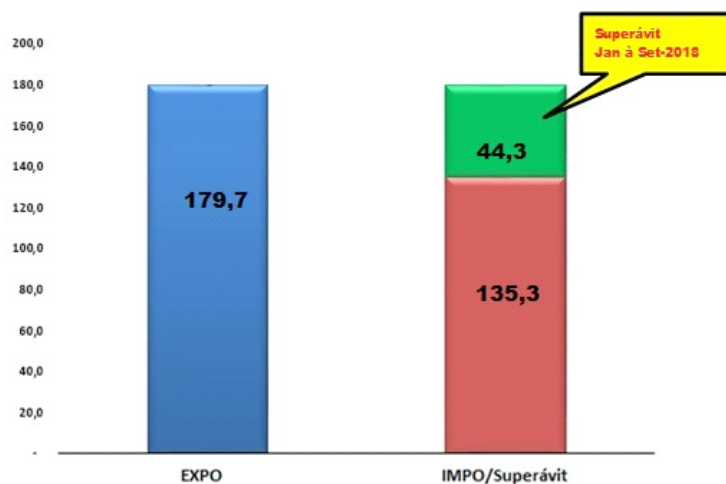


Ilustração: ISAE.



A expectativa é que a balança comercial de 2018 encerre com superávit de US\$ 55 bilhões, segundo a pesquisa focus realizada pelo Bacen.

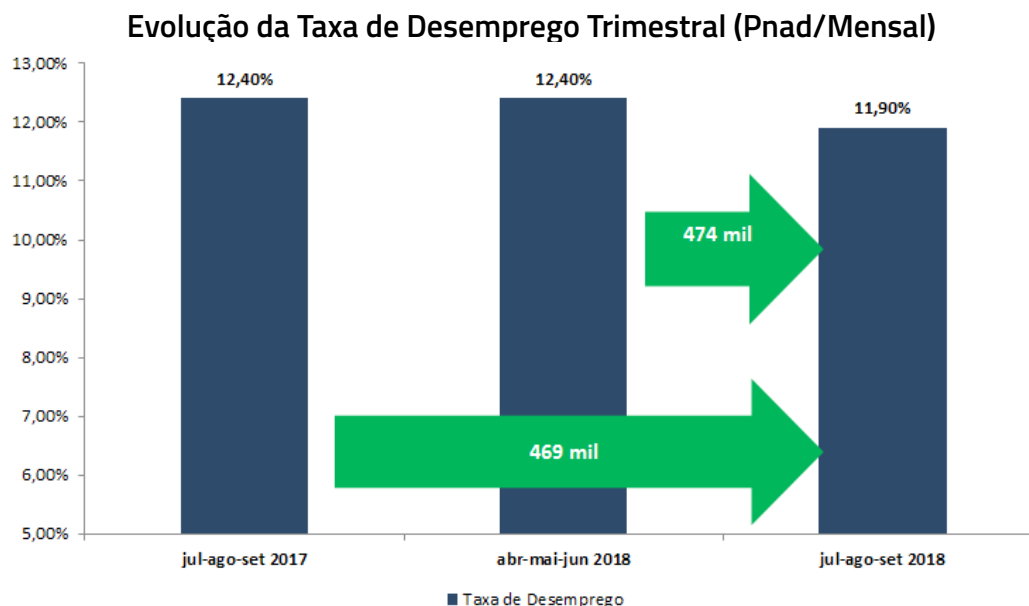
* **Jean Toniote**, é especialista em finanças, formado em ciências contábeis pela universidade positivo e possui especialização em gestão no mercado financeiro e de capitais pela FAE, atuou em diversos segmentos multinacionais e nacionais, e atualmente no grupo Renault.

Mercado de Trabalho

PNAD/M aponta taxa de desemprego de 11,90%.

Jefferson Marcondes Ferreira*

No último dia 30/10 o IBGE divulgou dados da PNAD/Mensal, que apresentou uma taxa de desemprego no trimestre (Jul-Ago-Set/2018) de 11,90%. Quando comparado ao trimestre anterior, representa redução de 0,50 p.p., que totaliza 474 mil empregos. Na comparação com o mesmo período em 2017, verifica-se redução de 0,5 p.p., algo em torno de 469 mil pessoas.



Fonte: Pnad/M (IBGE) / ilustração: ISAE.

Em relação ao mesmo período em 2017, verifica-se uma retomada lenta e gradual na geração de emprego. Quanto ao trimestre anterior, a queda na taxa de desemprego pode demonstrar uma tendência de estabilização, contudo, com a baixa confiança na economia brasileira e instabilidade política a geração de empregos ainda estará sujeita a variações sazonais. A expectativa é que até o final de 2018 o índice se estabilize, com possibilidades de melhora se de fato houver retomada do crescimento econômico e estabilização política no país.



Mercado de Trabalho: Análise da mão de obra ocupada no Brasil (Jul-Ago-Set/2018)

Partindo dos dados da Pnad/Mensal no período de (Jul-Ago-Set/2018) pode-se verificar que o total de pessoas aptas a trabalhar, que são pessoas com 14 anos ou mais que compõe a força de trabalho nacional, teve um acréscimo de 1,6 milhões desse contingente quando comparado ao mesmo período em 2017.

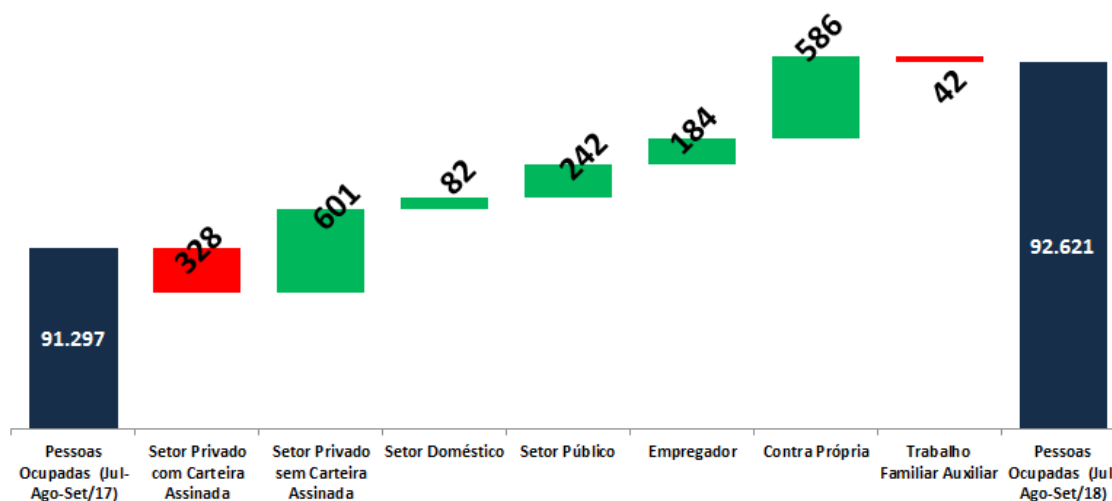
Composição Pessoas Aptas a trabalhar	jul-ago-set 2017	jul-ago-set 2018	Δ
Pessoas aptas a trabalhar	168.722	170.311	1.589
Pessoas aptas a trabalhar - empregadas (Milhares)	91.297	92.622	1.325
Pessoas aptas a trabalhar - desempregadas (Milhares)	12.961	12.492	- 469
Pessoas aptas a trabalhar - fora da força de trabalho (milhares)	64.464	65.198	734

Fonte: Pnad/M (IBGE) / ilustração: ISAE.

Ao analisar as pessoas aptas a trabalhar, mas que estão desempregadas, verifica-se que ocorreu uma redução de 469 mil pessoas em relação ao mesmo período em 2017. Este movimento é, em parte, explicado, pelo aumento da população apta a trabalhar, e também por pessoas que estão aptas a trabalhar mas que desistiram de procurar trabalho e pessoas que encontraram ocupação no período, que resultou num crescimento de 1,3 milhões.

No próximo gráfico, é demonstrada a variação de vagas do trabalhador entre os setores de trabalho no período de (Jul-Ago-Set/17) e o (Jul-Ago-Set/2018).

Varição das pessoas ocupadas nos setores (Jul-Ago-Set/17) e o (Jul-Ago-Set/2018):



Fonte: Pnad/M (IBGE)/ ilustração: ISAE.

O setor privado com carteira assinada teve uma redução de 328 mil trabalhadores que perderam seu trabalho formal na comparação de (Jul-Ago-Set/2018) em relação (Jul-Ago-Set/2017). Contudo, no setor privado sem carteira assinada verificou-se um aumento de 601 mil trabalhadores admitidos. O mesmo movimento de crescimento ocorreu no setor doméstico, que teve um crescimento de 82 mil trabalhadores. Já no setor público, aumento de 242 mil trabalhadores, que reflete a busca pela estabilidade de emprego



do serviço público garantida por lei. Quanto ao setor empregador, (dono do próprio negócio) houve crescimento de 184 mil, no setor de pessoas que optaram em trabalhar por conta própria um crescimento de 586 mil pessoas, no setor "trabalho familiar auxiliar", quando o indivíduo complementa a renda familiar com uma atividade remunerada intermitente (muito conhecido como "bico"), uma redução de 42 mil.

Essa variação reforça o quadro da degradação do mercado de trabalho brasileiro no período acima analisado, ocasionado pela crise econômica brasileira, onde se pode verificar que, apesar do número de pessoas empregadas ter aumentado para 92.621 milhões, houve um movimento de migração, principalmente dos trabalhadores com carteira assinada, que buscam como alternativa empreender em atividades próprias como empregador, trabalhando de maneira informal, ou buscando a estabilidade do setor público.

**Jefferson Marcondes Ferreira é Economista, Especialista em Controladoria pela Universidade Positivo e atua como profissional de finanças há 14 anos. Atualmente, trabalha numa empresa de meio ambiente ligada a reaproveitamento de materiais para matriz energética.*

Cenário Internacional

Desafios internacionais do novo governo.

René Berardi*

"O Brasil é o Brasil". Com essa frase, o presidente Piñera do Chile resumiu o interesse nas eleições no Brasil e, em particular, pelo presidente eleito Jair Bolsonaro.

Um dos primeiros diálogos internacionais de Bolsonaro foi com o presidente do Chile, Sebastián Piñera, e se concentrou em priorizar os corredores bioceânicos (os que excluem a Bolívia). Na conversa telefônica, discutiram a possível visita de Bolsonaro ao Chile como presidente eleito, que seria o primeiro compromisso internacional, com viagem aos Estados Unidos na sequência.

A eventual aprovação do Tratado Transatlântico (TCL) entre os dois países é uma questão estratégica: priorizar a construção de um corredor bioceânico entre o porto de Santos, no Atlântico, e o litoral chileno, no Pacífico. Trata-se de um caminho fundamental para as rotas comerciais globais, com redução de tempo de viagem estimado no transporte comercial entre a Ásia e o Brasil em até três semanas. Além do Brasil e do Chile, passaria através do território paraguaio e argentino.

Outro sinal ligou alarmes na Argentina, quando Paulo Guedes questionou o bloco econômico do Mercosul: "O Mercosul é muito restrito ao que estamos pensando quando foi criado, totalmente ideológico, o Brasil era um prisioneiro de alianças ideológicas, e isso é ruim para a economia ... O Mercosul não é uma prioridade". O chanceler argentino Jorge Faurie disse: "Não importa para onde vai, mas o grau de integração e diálogo que os governos têm".



O embaixador argentino no Brasil, Carlos Magariños, relativizou as declarações de Paulo Guedes: “Acho que temos que colocar a relação entre Argentina e Brasil em perspectiva. A relação bilateral é anterior ao Mercosul e permanecerá dentro do Mercosul e além dos ajustes propostos por qualquer um dos integrantes”, e concluiu: “Não imagino o fim do Mercosul de maneira alguma”.

Por outro lado, Trump afirma que os EUA irão colaborar estreitamente em questões “comerciais e militares” com Bolsonaro, o que mostra uma abertura importante do governo americano, onde as relações serão intensificadas na área comercial, possivelmente com um futuro TCL. O mais importante deste contato está na área bélica, onde o Brasil vai poder modernizar o atual poder militar, fator importante para enfrentar os riscos geopolíticos na América Latina, como o terrorismo e o narcotráfico.

A nova política liberal econômica a ser implementada será um horizonte por onde a política externa vai atuar, pois uma política econômica de abertura comercial precisa de uma diplomacia comercial intensa dentro das complexidades apresentadas pela geopolítica de interesses comerciais e militares ao nível global.

**René Berardi é Professor do ISAE, doutor em Sociologia (UFPR), com experiências como executivo e consultor na OEA, Petrobras, Hewlett Packard, SEBRAE e AGA Gases.*

Tecnologia

Onze ministros e uma urna eletrônica.

Christian Geronasso*



Jair Bolsonaro foi eleito com 56,8% dos votos válidos e assume o cargo máximo do país após a eleição mais polêmica e polarizada de todo processo democrático. Nessa cena, o processo eleitoral de 2018 teve participação marcante dos 11 ministros do Supremo Tribunal Federal, agindo em situações importantes como a interferência policial em universidades ou se defendendo contra os diversos ataques que receberam.



Como em grande parte das disputas, um lado perde e outro ganha. Enquanto o ganhador está preocupado em comemorar e se preparar para os discursos da vitória temos o perdedor culpando tudo e todos. Na cena eleitoral brasileira, a primeira na linha de fogo é a urna eletrônica. Apesar de ser utilizada como estudo de caso na universidade norte americana de Stanford, na Califórnia, uma das instituições mais prestigiadas do mundo, as críticas à utilização da urna eletrônica se amontoam. É semelhante ao apostador que joga com frequência na loteria e quando é questionado do porquê nunca foi beneficiado, sugere que o mecanismo é fraudulento.

As arquiteturas tecnológicas mais complexas podem ser validadas com processos extremamente simples. Atualmente a maior preocupação das grandes corporações não está em falhas nas suas barreiras de segurança digital, mas sim nas falhas cometidas por seus colaboradores. Um dos golpes mais utilizados é quando o hacker se passa por um analista de TI e entra em contato com um funcionário solicitando sua senha pessoal.

Acompanhar a cerimônia de votação paralela é uma ótima alternativa para os céticos de plantão. Na véspera da eleição são sorteadas urnas para teste. Elas são retiradas dos seus locais eleitorais, onde já estavam instaladas, e cada voto registrado no aparelho deve ser duplicado em papel, tudo é registrado por câmeras. Outro ponto importante é a ausência de conexão com a internet. Sempre após encerrar a sessão o responsável imprime o BU (Boletim de Urna), que é fixado na entrada da sessão, totalizando os votos.

Características técnicas também garantem a segurança do equipamento, permitindo que seja auditável. Os códigos-fonte, algoritmos que determinam a lógica de operação dos aparelhos, são abertos para os representantes técnicos dos partidos, ao Ministério Público, à Ordem dos Advogados do Brasil e à Polícia Federal. O que significa que duvidar da validade da urna eletrônica é colocar em cheque a idoneidade de cada uma dessas instituições.

Existem dois possíveis momentos para fraudar as urnas (1) antes que sejam lacradas pelo Supremo Tribunal Eleitoral (STE). Neste caso o fraudador teria que saber exatamente quantos votos direcionar para o candidato fraudador. Isso reduz as chances de um resultado apertado. E o momento (2) em que as urnas são recebidas pelo STE. O que causaria divergência com os Boletins de Urna, mesmo assim o momento ideal, mas muitos teroam, que ter participado desse segredo. E temos percebido que segredos compartilhados entre muitos corruptos geralmente acabam em Curitiba.

Case Study - Electronic Voting

https://cs.stanford.edu/people/eroberts/cs201/projects/2006-07/electronic-voting/index_files/page0006.html

SISTEMA ELETRÔNICO DE VOTAÇÃO

<http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/perguntas-mais-frequentes-sistema-eletronico-de-votacao>

* **Geronasso** é consultor com mais de 10 anos de experiência, especializado na identificação e construção de valor em diversos segmentos empresariais. Atua como especialista em negócios e transformação digital em uma das maiores empresas de tecnologia do mundo. (<http://bit.ly/LinkedIn-Christian>).



PAINEL DE ECONOMIA E TENDÊNCIAS EMPRESARIAIS

Atento ao quadro de instabilidade econômica e com o intuito de auxiliar nas tomadas de decisões do mercado, o ISAE reuniu profissionais das áreas financeira e econômica e criou o Comitê Macroeconômico, com o objetivo de agregar valor à sociedade por meio de pesquisas, análises e interpretações de dados macroeconômicos.

O Comitê Macroeconômico é coordenado por Rodrigo Casagrande, professor do Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE, e Fabio Alves da Silva, executivo de finanças da Renault. É composto por profissionais que possuem competências complementares, provenientes de diferentes instituições, como ISAE, Banco Central do Brasil, Renault e SEBRAE.

O comitê também conta com a participação de alunos do CFO ISAE, programa desenvolvido com o objetivo de capacitar o profissional de finanças em conceitos e temas técnicos específicos da teoria financeira que ajudam na condução estratégica dos negócios, trazendo a visão de pessoas que impulsionam as ações e potencializam resultados, além de alunos do Programa de Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE.

EQUIPE TÉCNICA

Christian Geronasso

Christian Bundt

Jefferson Marcondes

Jean Toniote

Gustavo Aranha

René Berardi

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Fábio Alves da Silva

COORDENAÇÃO GERAL

Rodrigo Casagrande